

No boletim de julho, analisamos o resultado das exportações brasileiras do agronegócio do primeiro semestre de 2020 e questões sanitárias e ambientais relacionadas ao comércio que impactaram o mercado global do setor.

No mês de julho, completa-se 4 meses desde que a pandemia global foi reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), e os efeitos econômicos começaram a ficar mais evidentes no Brasil e no mundo, com resultados negativos registrados em várias atividades. Para o agronegócio brasileiro, no entanto, desenha-se um cenário distinto, sustentado, principalmente, pela alta nos embarques internacionais.

As Figuras 1 e 2 mostram o comportamento em valor das exportações brasileiras do setor no acumulado de janeiro a junho de 2020 em relação ao mesmo período de 2019. Verifica-se alta de 9,8% nas

exportações totais, impulsionadas em grande medida pelo real desvalorizado com relação ao dólar.

Entre os principais produtos exportados, foram verificados crescimentos no primeiro semestre em soja, carne bovina, açúcar e carne suína em relação ao mesmo período de 2019. Reduções foram observadas principalmente em atividades não alimentares, como produtos florestais e fumo. O algodão, apesar de crescimento no acumulado do período, tem registrado queda mês a mês desde o início de 2020 (reduzindo de 8% em janeiro para 0,8% em junho a participação nas exportações do agronegócio).

A China foi o destino que apresentou maior crescimento, com alta de quase US\$5 bilhões em embarques e crescente representatividade nas exportações brasileiras. O país asiático já apresenta sinais de recuperação econômica em superação à

Figura 1 – Exportações brasileiras do agronegócio por produto (1º semestre de 2020 e 2019, em US\$ correntes)

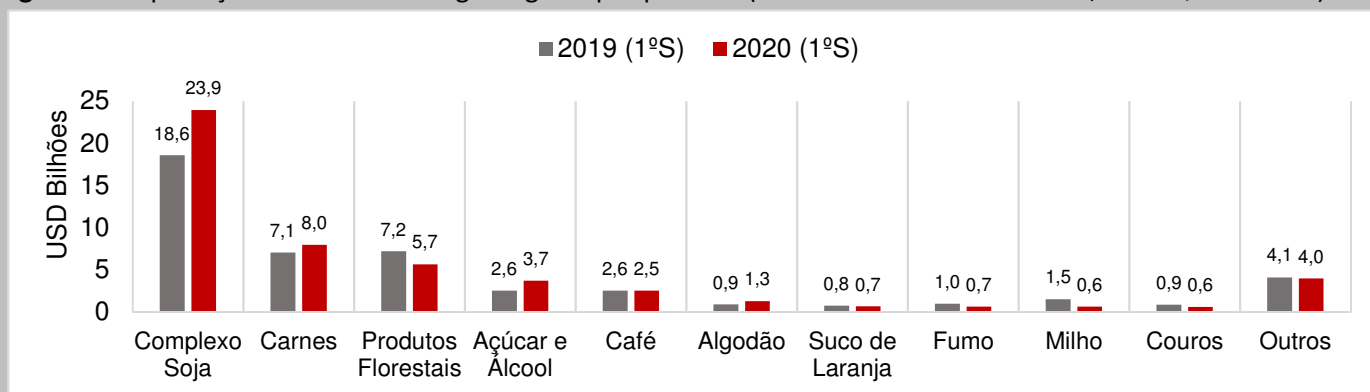
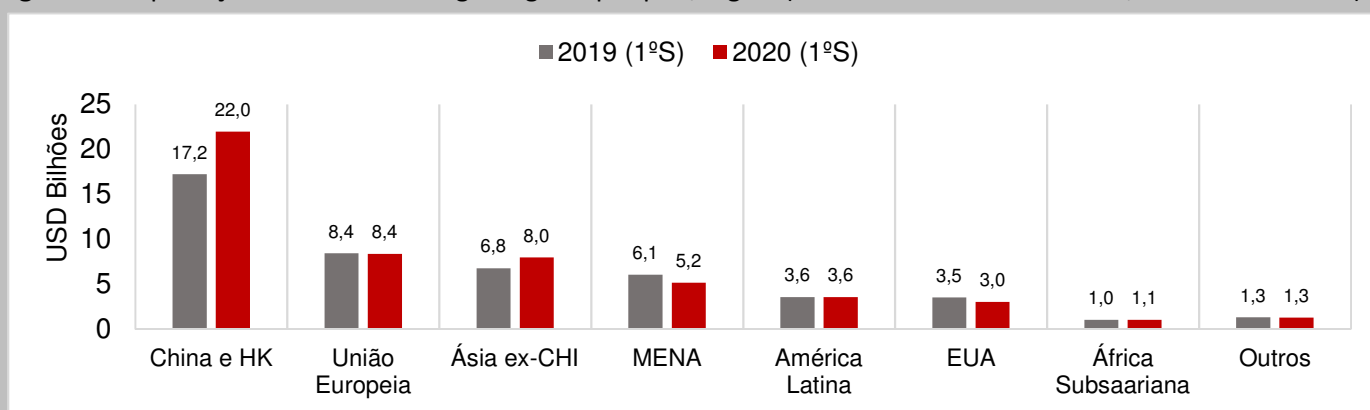


Figura 2 – Exportações brasileiras do agronegócio por país/região (1º semestre de 2020 e 2019, em US\$ correntes)



Fonte: MAPA – Agrostat (2020) [1]

pandemia, elevando a demanda por soja em um processo de recomposição do rebanho suíno após as grandes perdas ocorridas com a Peste Suína Africana em 2019.

Os demais destinos ficaram relativamente constantes ou apresentaram redução, como no caso dos países do Oriente Médio e Norte da África (MENA) e EUA.

Para os próximos meses, devido a comportamentos sazonais, são esperadas redução nos embarques de soja e crescimento ou constância para os demais produtos. Além do milho, já descrito, espera-se alta para café a partir de agosto. Com relação aos destinos, a participação da China deve se reduzir nos próximos meses devido a diminuição esperada nos embarques de soja e aumento dos demais parceiros em virtude da retomada econômica e diminuição dos bloqueios.

Até o momento, o cenário tem sido bastante positivo para o mercado exportador do agronegócio brasileiro, mas **duas questões relevantes vêm ganhando o foco internacional e podem se abater sobre o setor, provocando incertezas e possíveis prejuízos futuros.**

A primeira refere-se às restrições ao comércio de proteínas, que têm sido anunciadas pela China desde que um novo foco de Covid-19 surgiu em Pequim, no início de junho. Análises iniciais identificaram a presença do Sars-Cov-2 em tábuas de corte de salmão importado da Noruega em um grande mercado local e descobriu-se tratar-se da cepa europeia do vírus, fato que levou o governo chinês a apontar alimentos importados como possíveis fontes de transmissão.

Em resposta a esse novo surto, importações de salmão foram rapidamente suspensas e os produtos retirados do varejo chinês. O governo local adotou medidas ainda mais drásticas, como a suspensão de compras de plantas frigoríficas dos EUA (Tyson) e Alemanha (Tönnies), ambas com grande incidência da doença entre seus trabalhadores. Logo as restrições também se estenderam para plantas de processamento de carnes habilitadas à exportação em vários países, incluindo o Brasil (Tabela 1).

Tabela 1 – Restrições em plantas de processamento de carnes para importações por parte da China durante a pandemia.

País	Número de plantas restritas*
Alemanha	4
Argentina	6
Austrália	4
Brasil	5
Canadá	2
EUA	1
Holanda	4
Irlanda	1
Reino Unido	1

Fonte: Agrifatto com base em GACC (2020) – números em constante atualização. * Algumas plantas foram suspensas voluntariamente pelo país exportador.

As autoridades aduaneiras chinesas começaram a testar carnes, frutos do mar e frutas e verduras frescas que adentram no país para avaliar o potencial contagioso via alimentos. No início de julho, depois de 228 mil testes realizados, houve apenas uma detecção positiva em embalagens e paredes de um container [2,3]. Segundo a OMS, CDC americana e a agência de segurança alimentar europeia, peixes não possuem células com o tipo de receptor necessário para transmitir o vírus e atualmente não há qualquer registro de que o SARS-Cov-2 seja capaz de se multiplicar em alimentos. Além disso, a cepa encontrada no mercado em Pequim é praticamente idêntica àquelas identificadas em casos de Covid-19 encontrados no noroeste do país, logo, esta poderia ser a real origem do novo surto [4]. Por outro lado, há estudos que indicam que outros coronavírus são estáveis no estado congelado. Portanto, a evidência relatada nesta ampla gama de testes chineses ainda não foi capaz de descartar a possibilidade do vírus ter viajado longas distâncias nessa condição. Como não há um consenso científico claro, o medo do desconhecido acaba, por vezes, dando o tom nas decisões de agentes públicos e privados.

A discussão sobre a própria origem do novo coronavírus Sars-Cov-2 vem ganhando fortes conotações políticas e tem elevado as tensões existentes entre os EUA e a China. A especulação sobre a potencial origem estrangeira do surto recente alimentou sentimentos nacionalistas na China e tem sido usado oportunamente pelo governo chinês para assumir um discurso mais ofensivo,

ressaltando fatores externos como responsáveis para a situação presente. Este clima político, portanto, parece influenciar e complicar decisões que deveriam ser de caráter técnico sobre o risco sanitário associado à importação de alimentos.

A segunda questão destacada que pode afetar o desempenho do agronegócio brasileiro se dá pela conjunção entre a piora nos indicadores relacionados ao desmatamento na Amazônia e a aceleração da pandemia de Covid-19. Como herança da temporada 2019/2020, há na Amazônia, segundo o IPAM, uma área de pelo menos 4.500 quilômetros quadrados desmatada, que poderá vir a ser queimada e transformada em pasto [5]. Em junho, o desmatamento completou 14 meses de altas consecutivas quando comparado com o mesmo mês do ano antecedente. A área com alertas de desmatamento no primeiro semestre de 2020 já supera em aproximadamente 25% a área do mesmo período de 2019, de acordo com dados do sistema DETER [6]. Conforme o país e principalmente a região amazônica são afetados pela pandemia, os esforços de fiscalização do desmatamento ilegal na região também são prejudicados. Assim, a Covid-19 tem o potencial de agravar ainda mais a crise ambiental brasileira.

Como resposta, em 16 de julho o governo decretou a proibição de queimadas na região amazônica por 120 dias. A experiência de 2019 demonstra que tal medida pode ser eficaz em termos de reduzir o número de focos de incêndios, mas que não tem muito efeito em reduzir o desmatamento. E a pressão que o Brasil vem sofrendo internacionalmente tem aumentado.

Em junho, um grupo de investidores internacionais que juntos representam US\$ 3,7 trilhões em investimentos encaminharam uma carta ao governo brasileiro ressaltando forte preocupação com o desmatamento da Amazônia. Alguns afirmaram que futuros investimentos no Brasil dependeriam dos

esforços feitos para frear o desmatamento no bioma [7]. Em julho, alguns *traders* apresentaram compromisso de rastrear 100% das suas compras no Brasil, para garantir que produtos fossem livres de origem em desmatamento ilegal. É notável a presença da chinesa COFCO neste grupo, o que aponta para a possibilidade de que empresas chinesas também estejam voltando-se às demandas ambientais.

Em julho, a possibilidade de boicote aos produtos brasileiros chegou a compreender ação indireta, como a decisão da norueguesa Grieg Seafood de não comprar ração da Cargill por causa da alegada associação da empresa matriz com desmatamento no Brasil [8]. A intensificação do foco internacional em questões ambientais também aponta que o Acordo UE-Mercosul neste momento está muito distante de ser ratificado.

Em referência às políticas de restrição às exportações adotadas por alguns países no início da pandemia, destacadas no boletim de junho, estas permanecem ativas em apenas dois países. São eles: Turquia, para as exportações de limão e Quirguistão para trigo, óleo, açúcar, ovos, arroz e alguns alimentos processados. Ou seja, observa-se que houve um recuo com relação a este tipo de política de caráter nacionalista.

REFERÊNCIAS

- [1] Dakers, M; Hirtzer, M. (2020). Beijing's Latest Virus Outbreak Disrupts Tyson Foods and PepsiCo. Bloomberg. Acesso em: 21/06/2020
- [2] Bloomberg News (2020). China Signals Shrimp Virus Risk After Salmon Debacle. 10/07. *Bloomberg*. Acesso em: 23 jul. 2020.
- [3] Patton, D. e Xu, M. (2020). Chinese ports hit capacity as virus tests slow clearing: shippers. 17/07. *Reuters*. Acesso em: 23 jul. 2020.
- [4] TAN, Wenjie et al. Reemergent Cases of COVID-19—Xinfadi Wholesales Market, Beijing Municipality, China, June 11, 2020. *China CDC Weekly*, v. 2, n. 27, p. 502-504, 2020.
- [5] Ipam (2020) Área desmatada a ser queimada em 2020 pode superar os 4,5 mil km², 08/06. Acesso em 08 jul. 2020.
- [6] Inpe (2020) Terra Brasilis Mapa de Avisos (DETER). Acesso em: 08 jul. 2020.
- [7] Pupo, F. (2020) Pressão de investidores contra desmatamento gera alerta na equipe econômica, *Folha de São Paulo*, 23/6, 2020.
- [8] Lopes, F. e Salles, M. (2020) Desmatamento já é motivo para "bloqueios silenciosos", *Valor Econômico*, 9/7, 2020.

Expediente

INSPER – Centro de Agronegócio Global (contato: agroglobal@insper.edu.br)

Coordenação Geral

Marcos Sawaya Jank, Dr.

Pesquisadores

Camila Dias de Sá, Dra.

Cynthia Cabral da Costa, Dra. (Embrapa Instrumentação)

João de Souza Trigo, Bel.

Leandro Gilio, Dr.

Marco Guimarães, Bel.

Niels Soendergaard, Dr.